

AS CRIANÇAS DE CLARICE



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Mell Brites

AS CRIANÇAS DE CLARICE

*narrativas da infância  
e outras revelações*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

B777c Brites, Mell

As crianças de Clarice: narrativas da infância e outras revelações /  
Mell Brites. Campinas, SP: Editora de Unicamp, 2021.

1. Líspector, Clarice, 1920-1977. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Infância. 4. Sexualidade. I. Título.

CDD – B869.35

– 028.5

– 305.23

ISBN 978-85-268-1522-3

– 155.3

---

Copyright © Mell Brites  
Copyright © 2021 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade da autora e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728  
[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

Para o Sérgio, meu pai.



## AGRADECIMENTOS

Este livro tem como origem a minha dissertação de mestrado, defendida em 2017 pelo Programa de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Deixo aqui o meu sincero agradecimento à professora Yudit Rosenbaum, minha orientadora acadêmica, interlocutora generosa e amiga com quem tenho a sorte de poder contar.

Agradeço também aos professores Jaime Ginzburg, Ricardo Iannace e Augusto Massi, pelas valiosas contribuições.

Não poderia deixar de dizer obrigada ao Vinicius Calderoni, que vem me acompanhando com amor e diálogo neste processo de preencher páginas e inventar sentidos.

À Elaine Sauter, minha mãe, pela presença e pelo apoio de sempre. À Clementina. Aos meus inestimáveis amigos sem os quais qualquer aventura deixa de ter graça.





*Nada posso fazer: parece que há em mim  
um lado infantil que não cresce jamais.*

Clarice Lispector



## SUMÁRIO

Introdução: O íntimo caos ..... 13

### Parte I: A infância clandestina

1. Dos restos à rosa ..... 33
2. A descoberta do cisne ..... 79

### Parte II: A infância desvelada

3. Viagem ao centro do eu ..... 109
4. A oca verdade ..... 137

Considerações finais ..... 183

Referências ..... 191



## INTRODUÇÃO: O ÍNTIMO CAOS

É em “íntima desordem” que vivem as mulheres dos contos de *Laços de família*, enquanto em “Restos de Carnaval” a menina protagonista sente uma “agitação íntima”. Já em *O mistério do coelho pensante* trava-se uma “conversa íntima” com o leitor. Não são poucas as vezes em que se depara, na obra de Clarice Lispector, com esse adjetivo que define aquilo que é “de dentro, da essência de cada um, do interior das pessoas”<sup>1</sup> aplicado nos mais variados contextos. O “de dentro” está presente nos contos, crônicas e romances da autora, que explora os relevos acidentados das emoções, as castas e despovoadas planícies da incerteza, os caminhos tortuosos da razão, abusando de uma lente que está voltada para si mesma. Esse olhar que revira e investiga o interior e que, possivelmente, constitui a marca mais significativa de Clarice foi apreendido desde *Perto do coração selvagem* pelos primeiros críticos que se aventuraram a buscar um contorno a esse escrito desconcertante que acabara de chegar e continuou a ser percebido ao longo dos anos como uma presença estruturante na literatura clariciana.

<sup>1</sup> Segundo definição do dicionário *Aulete digital*, disponível em <<https://aulete.com.br/>>.

Antonio Candido expressa em *No raiar de Clarice Lispector*, já em 1943, na estreia da autora, seu “verdadeiro choque” ao ler esse primeiro romance da escritora “ainda completamente desconhecida” para ele:

Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente.<sup>2</sup>

Algumas décadas depois, no ano de 1986, Berta Waldman observa, em *A paixão segundo Clarice Lispector*, que a escritura de Clarice “cerca, tateia, chama à tona o que ela própria desconhece. O inconsciente. A verdade é que ela persegue uma realidade que lhe escapa”.<sup>3</sup> E, nos anos 2000, Carlos Mendes de Sousa afirma ser uma “pose interrogante” o que define o modo de aproximação da autora ao mundo da literatura, além de destacar sua “permanente colocação da dúvida”:<sup>4</sup>

com Clarice Lispector, o movimento da escrita segue outras direções que não as do susto e da paralisia face à desordem; é no mergulho no próprio caos, e para lá da razão, que ela encontra as razões da sua criação, procurando que a sua escrita viva no seio da própria incompreensão.<sup>5</sup>

Sousa chama a atenção, ao lado de diversos estudiosos da autora, para a singular relação que se estabelece entre vida e obra no universo clariciano. Se o crítico fala de uma “dificul-

<sup>2</sup> Candido, 1970, p. 127.

<sup>3</sup> Waldman, 1986, p. 58.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 139.

<sup>5</sup> Sousa, 2012, p. 127.

dade que existe em conseguir-se estabelecer distintos planos separadores entre vida e obra”,<sup>6</sup> Benedito Nunes afirma que, para a escritora,

a impossibilidade é de narrar qualquer coisa sem ao mesmo tempo narrar-se — sem que, à luz baça de seu realismo ontológico, não se exponha ela mesma, antes de mais nada, ao risco e à aventura de ser, como *a priori* da narrativa literária, como o limiar de toda e qualquer história possível.<sup>7</sup>

E Alfredo Bosi acrescenta:

A prosa de Clarice Lispector faz-se aos poucos, move-se junto com os seus exercícios de percepção, e tateia, e não pode nem quer evitar o lacunoso, ou o difuso, pois o seu projeto de base é trazer as coisas à consciência, a consciência a si mesma.<sup>8</sup>

Nos textos em que este livro se debruça, nos quais o tema da infância ganha destaque, faz-se ainda mais significativa essa aparente indistinção entre escritora e entes ficcionais ressaltada pelos críticos. Ambos estão, autora e narradores, unidos na tarefa de desvendar “essa realidade que lhe(s) escapa” através de uma escrita que “mergulha no próprio caos”, vive “no seio da própria incompreensão” e abre espaço para uma investigação voltada para sua origem. Tanto nos contos escritos para o público adulto (“Restos do Carnaval”, “Cem anos de perdão”, “Felicidade clandestina” e “Os desastres de Sofia”), analisados na primeira parte, como nos livros infantis *A mulher que matou os peixes*, *O mistério do coelho pensante* e *A vida íntima de Laura*, cujo estudo constitui parcela significativa do segundo bloco deste livro, narradoras em primeira

<sup>6</sup> *Idem*, p. 136.

<sup>7</sup> Nunes, 1995 [1989], p. 159.

<sup>8</sup> Bosi, 1997, p. 20.

pessoa são, de maneiras diversas, atuantes na trama e identificam-se com a autora Clarice Lispector. *Quase de verdade* e *Como nasceram as estrelas*, que completam a segunda parte do estudo, apresentam outras características na maneira de narrar, mas dialogam com o resto das obras, como veremos.

A voz em primeira pessoa nos contos adultos relembra episódios da própria infância no Recife, cidade onde Clarice passou a meninice, e interrompe a narração do texto para tecer comentários a partir do tempo presente. Nos livros para crianças, com exceção de *Como nasceram as estrelas*, os narradores travam uma conversa com o leitor que se constitui, mais do que o enredo, como o fio condutor das narrativas. Se em *Quase de verdade* o cachorro Ulisses é quem late a história para sua dona Clarice, a responsável por transformar seus sons em palavras, em *A mulher que matou os peixes*, *O mistério do coelho pensante* e *A vida íntima de Laura* as narradoras apresentam-se como mães e escritoras, chegando até, no caso de *A mulher que matou os peixes*, a nomear-se “Clarice”.

O conjunto de textos aqui analisados foi publicado, em sua maioria, nos últimos dez anos de vida da escritora. “Felicidade clandestina” (1967), “Restos do Carnaval” (1968) e “Cem anos de perdão” (1970) foram escritos para a coluna que ela assinou a partir de 1967 no *Jornal do Brasil* e depois integraram, com algumas mudanças, o volume *Felicidade clandestina*, de 1971. “Os desastres de Sofia” (1964) saiu originalmente em *A legião estrangeira*, mas em seguida foi republicado, em versão similar, no *Jornal do Brasil*.<sup>9</sup> Já os infantis *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1968), *A vida íntima de Laura* (1974) e os póstumos

<sup>9</sup> Na coluna do *Jornal do Brasil*, “Os desastres de Sofia” foi publicado com o título de “Travessuras de uma menina má” e “Felicidade clandestina” como “Tortura e glória”.



*Quase de verdade* (1978) e *Como nasceram as estrelas* (1987) atestam, com suas datas de publicação, o que o biógrafo Benjamin Moser observa a respeito dos últimos anos da vida da autora, período em que ela demonstrava uma vontade constante de redescobrir a própria infância:

Clarice vinha se retirando cada vez mais do mundo adulto [...]. À medida que se aproximava do fim da vida, suas lembranças de um tempo mais feliz assomavam à consciência com crescente insistência.<sup>10</sup>

Seja através de um exercício de rememoração do passado, revivendo no presente do texto a criança que já não existe mais, seja a partir do contato com um leitor infantil imaginário, que se esboça como uma alteridade a ser explorada, essas obras trazem a infância para o primeiro plano da narrativa e apontam para uma tentativa de aproximação de Clarice com sua própria origem — e também, como veremos, com o que há de mais visceral na existência.

### *Idílio e sofrimento*

As crianças aparecem nas páginas de variadas vertentes da literatura brasileira, recorda Marisa Lajolo, e “quase sempre em *scripts* que invertem radicalmente a representação idílica da infância casimiriana, substituindo a visão ingênua e idealizada por imagens amargas e duras”, diz a pesquisadora em “Infância de papel e tinta”.<sup>11</sup>

É o caso de “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira, e a representação do trabalho infantil; da canção “Pivete”, de

<sup>10</sup> Moser, 2009, p. 559.

<sup>11</sup> Lajolo, 1997, p. 233.

Francis Hime e Chico Buarque, que faz o retrato de uma infância desterritorializada; do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, trazendo à tona o tema dos abusos da classe dominante numa sociedade pós-abolicionista; do livro de memórias de Graciliano Ramos, sobre sua época de menino e as adversidades por ele enfrentadas; das diversas narrativas de Guimarães Rosa que transformam em matéria poética os desafios de um tempo de privação.

Por muitos considerado o responsável por inaugurar na crônica brasileira as memórias da infância,<sup>12</sup> Manuel Bandeira integra o coral de escritores brasileiros que buscam desmistificar esse período da vida, trazendo em seus textos a dureza dos tempos áureos sem deixar de retratar também momentos profícuos e saudosos. Pernambuco e sua capital são o palco da rememoração lírica do passado em “Evocação do Recife” e “Profundamente”, mesmo cenário da infância clariciana, e os quatro anos ali vividos pelo poeta são relembrados em sua brevidade e pobreza, mas também como fonte de felicidade e de matéria para a criação poética. Afirma Davi Arrigucci Jr., em “A festa interrompida”, que em alguns dos textos de Bandeira é possível perceber como o passado insere-se no presente como uma lembrança viva, capaz inclusive de se tornar uma forma de percepção de mundo, e a ausência, na evocação, se faz presença.<sup>13</sup>

Em “Profundamente”, por exemplo, ao assumir a visão infantil, o poeta reencontra-se consigo mesmo, com o menino que foi um dia — em processo análogo ao que vive Clarice Lispector quando rememora os anos em que viveu no Recife e se redescobre através dessas lentes. Para ela, a cidade é também palco de um tempo em que se vivia com humildade e de

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, Anan, 2006.

<sup>13</sup> Arrigucci Jr., 2009 [1990], p. 204.

experiências que, para além de alegres ou tristes, continham uma força vital — a qual, como se verá, será resgatada pelo próprio ato de rememoração. Diz a escritora, na entrevista concedida a Júlio Lerner em 1977, meses antes de sua morte, e transmitida pela TV Cultura: “Pernambuco marca tanto a gente que basta dizer que nada, mas nada mesmo nas viagens que fiz por este mundo contribuiu para o que escrevo. Mas Recife continua firme”.<sup>14</sup> Já o poeta, resguardado na infância da tuberculose que o assaltaria aos 18 anos, reflete, em *Itinerário de Pasárgada*:

Quando comparo esses quatro anos de minha meninice a quaisquer outros quatro anos de minha vida de adulto, fico espantado do vazio desses últimos em cotejo com a densidade daquela quadra distante.<sup>15</sup>

A privação e o desamparo que aparecem na infância retratada por Clarice Lispector ganham força consideravelmente maior na voz de Graciliano Ramos. *Infância* dá destaque significativo à violência que o assombrou durante tantos anos; há quem veja a obra como uma denúncia das injustiças de que eram vítimas todos os que estavam na mesma condição do autor, ou como a expressão de uma “anti-infância”, como afirma Marcus Mazzari em “Os espantelhos desamparados de Manuel Bandeira”.<sup>16</sup> Em “Passagens de *Infância* de Graciliano Ramos”, Alfredo Bosi acrescenta que

a condição de impotência em face do outro beira o absurdo e estará na raiz da reiterada expressão de perplexidade do narrador que se diz incapaz de encontrar sentido nas ações alheias e às vezes nas

<sup>14</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>>.

<sup>15</sup> Bandeira, 2002 [1954], p. 257.

<sup>16</sup> Mazzari, 2002, p. 257.

próprias [...]. A socialização sertaneja castigando sem piedade a pergunta e a dúvida da criança.<sup>17</sup>

Mas, mesmo numa lembrança contagiada pela dureza daqueles anos, há espaço para momentos de prazer, muitas vezes associados, no texto, à construção da identidade do autor. A escrita, então, aparece como uma valorosa ferramenta, capaz de mitigar o sofrimento daquele que teve pouquíssimas oportunidades para o regozijo. Tanto na obra de Graciliano quanto nos contos memorialísticos de Clarice, há uma tensão entre as marcas da violência e as experiências gratificantes lembradas com carinho, e em ambos os casos a possibilidade de transformar as vivências difíceis em material artístico configura a principal fonte de abrandamento das dores inerentes à existência — mesmo que, como ocorre na literatura de Clarice, o ato de escrever seja visto, paradoxalmente, como maldição inescapável.

\*\*\*

Nessa tradição de obras que pressupõem um processo de recordação de um tempo que deixou marcas e, por isso, recebem um tratamento biográfico, podem-se reunir, sob o título de Trilogia do Recife, os contos “Felicidade clandestina”, “Cem anos de perdão” e “Restos do Carnaval”, cujos eixos são narradoras em primeira pessoa que, já adultas, relatam episódios de sua infância na capital pernambucana, trazendo novos sentidos para o tempo passado. Em “Felicidade clandestina”, a narradora, “devoradora de histórias” mas sem condições materiais de comprar livros, torna-se vítima de uma “tortura chinesa”, de uma sádica armadilha preparada por sua colega que,

<sup>17</sup> Bosi, 2013, p. 96.